

João Ribeiro entre a memória e o esquecimento

João Ribeiro between memory and forgetfulness

RODRIGUES, Rogério Rosa (org). **Nos desvãos da História: João Ribeiro**. Paco Editorial: Jundiá, 2015. 260 p.

Felipe Yera Barchi

PALAVRAS-CHAVE

Biografia; Historiografia brasileira; História intelectual

KEYWORDS

Biography; Brazilian historiography; Intellectual history

Lançada pela Paco Editorial em 2015, a coletânea organizada por Rogério Rosa Rodrigues soma-se aos esforços já empreendidos pelo pesquisador à frente do projeto "*Espírito germânico em terra brasileira: João Ribeiro e a cultura histórica alemã*". Dez historiadores colaboram nesse trabalho que lança luz à vida e obra do polígrafo sergipano.

João Ribeiro nasceu em 1860 em Laranjeiras, Sergipe, e chegou ao Rio de Janeiro ainda moço na casa dos vinte anos. Engajou-se nas duas causas que arrebatavam a maioria dos jovens letrados: A República e a Abolição. Esteve dentro das maiores e mais prestigiadas instituições culturais de seu tempo: foi catedrático no Colégio Pedro II, "imortal" da Academia Brasileira de Letras e sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Além da presença nessas instituições basilares da cultura nacional, destacou-se na imprensa, na crítica literária, como autor de livros didáticos e tradutor. Não bastassem esses papéis, o polígrafo ainda se enveredou pelos caminhos da música, da pintura, da poesia, embora sem o mesmo sucesso obtido no mundo das letras.

O livro organizado por Rodrigues não se resume a aspectos biográficos, vai muito além, mas também cumpre essa missão.

As principais biografias sobre João Ribeiro foram lançadas na década de 1960, em comemoração ao seu centenário de nascimento, entre as quais merece destaque a feita por Mucio Leão (1962), que via João Ribeiro como mestre dos mais reverenciáveis no panteão das letras brasileiras e dedicou boa parte de sua carreira a inventariar, preservar, comentar e reverenciar a obra do sergipano. Tal esforço pode ser vislumbrado pelo projeto encabeçado por Leão de editar as obras completas de João Ribeiro: previa-se 57 volumes! Mas, tal empresa não teve sucesso.

Ao fazer uso da metáfora do “desvão”, Rodrigues fita João Ribeiro entre a memória e o esquecimento. Para contrastarmos com dois ícones do período, João Ribeiro não obteve o sucesso do qual desfrutara Machado de Assis; todavia não chegou a ser um marginal como o fora Lima Barreto, por exemplo. João Ribeiro flutuou entre o *establishment* literário (*in vita*) e a marginália (*post mortem*); entretanto, as oscilações e incertezas foram mais a regra do que o desvio em sua vida e obra.

Podemos destacar dois eixos comuns a todos os textos do livro: a vida e a obra. No primeiro deles, estão os capítulos: 1 – *Arranjos possíveis de uma vida privada: João Ribeiro e os desafios de compor sua trajetória pessoal*, de Alessandra Ramos; 4 – *O pão amargo da vida independente: João Ribeiro entre a monarquia e a república*, de Marcos Alberto Rambo e 6 – *Abundância de alma: as aventuras plásticas de João Ribeiro em seu contexto nacional*, de Ana Carolina Humbert. É evidente que vida e obra se entrecruzam em todos os textos e o leitor notará essa confluência, mas nos referimos à matéria principal analisada por cada pesquisador. Entre os que focam a obra do imortal da Academia João Ribeiro, temos: 2 – *Notas sobre uma introdução: João Ribeiro e a escrita da história do Brasil*, assinado por Rogério Rodrigues, Janaina Soares e Christianne Gally; 3 – *O objetivismo ribeiriano e o valor historiográfico do presente*, por Itamar Freitas e Jane Semeão; 5 – *O filólogo João Ribeiro: um germânico no Brasil*, de Christianne Gally; 7- *Livros e mosaicos: João Ribeiro do jornal ao livro*; 8 – *João Ribeiro e*

o ensino de história no Brasil, por Cristiani Bereta da Silva e Maria Teresa Santos Cunha; e, encerrando a coletânea, mais um capítulo escrito pelo organizador: 9 – *Nos anais eternos da história: João Ribeiro e a historiografia nacional*.

Acerca da *persona* João Ribeiro, é preciso ressaltar os méritos que os autores apresentam no trabalho de desmistificação da aura sagrada criada em torno dele, principalmente por seu filho Joaquim Ribeiro e seu pupilo Mucio Leão. Ambos se esforçaram por construir perfis biográficos heroicizados, destituídos das contradições e incompletudes inerentes à vida humana. Marcos Rambo recupera em seu trabalho uma esquecida publicação de João Ribeiro intitulada *Impressões da Alemanha*, na qual o sergipano faz críticas contundentes ao regime republicano. Não apenas no Brasil a república não funcionava, como na maior parte do mundo e, ainda de acordo com Ribeiro, as únicas exceções eram Suíça e Estados Unidos. O texto resgatado por Rambo mostra as oscilações de João Ribeiro no âmbito da política, seja como cidadão, seja como intelectual, as quais Mucio Leão e Joaquim Ribeiro preferiram esconder nas biografias de seu predileto autor. Nesse sentido, Alessandra Ramos destaca a dificuldade em perscrutar a trajetória de João Ribeiro, na medida em que não há muita documentação disponível, sobretudo a de cunho pessoal e dos primeiros anos no Rio de Janeiro. O acervo “João Ribeiro”, situado no Arquivo Histórico da Academia Brasileira de Letras, guarda significativo número de cartas, que datam de 1888 em diante. Segundo os primeiros biógrafos, o polivalente escritor teria chegado ao Rio de Janeiro em 1880, atuando na imprensa e como professor particular. A trajetória ascendente de Ribeiro nesta década permanece misteriosa a nós ainda hoje: não sabemos como o jovem que havia abandonado a Faculdade de Medicina de Salvador chega à capital do país e, aparentemente sem dinheiro, nem contatos prévios, ao final dela publica um *Compêndio de História da Literatura Brasileira* (1888) junto de Silvio Romero, um *Dicionário Gramatical* (1888) e acaba ingressando como professor de História do Colégio Pedro II. Esse interstício turvo paira como uma espécie de “Pré-história”

de João Ribeiro, já que foi negligenciado pelos biógrafos que lhe foram mais próximos – pessoal e temporalmente falando.

A mesma lacuna documental grassa a sua atividade como pintor. Sabemos, através de Mucio Leão, que estudou pintura, em Milão, com o mestre Bartezzago e, em Berlim, com Wildeburd Winck. Obviamente, isso se deu a partir de sua primeira viagem à Europa, feita entre 1895 e 1897, quando já era professor do Colégio Pedro II e um autor estabelecido no ramo dos livros didáticos. Humbert explora os vestígios do pintor João Ribeiro: não são muitos, todavia, convém destacar sua predileção pelos pintores clássicos e o gosto pelas paisagens. Além disso, é preciso pontuar que alguns amigos ilustres guardavam com carinho suas telas – entre eles Machado de Assis. O que é certo, com relação à pintura de João Ribeiro, é que ele investiu e se enveredou por essa arte, mas não pôde suportar as críticas dirigidas a sua primeira vernissage.

Com relação à obra do polígrafo sergipano, Rogério Rodrigues, Janaina Soares e Christianne Gally exploram, no segundo capítulo, a trajetória do livro *História do Brasil* (1900). Inicialmente dirigido ao público escolar, viria a consagrar João Ribeiro como historiador. Através dos prefácios, introduções e demais paratextos das diferentes edições do livro, os pesquisadores reconstroem um percurso que começa com extrema modéstia por parte do autor – chamando o trabalho de “livrinho” – e termina, em um curto espaço de tempo, por reivindicar posição de destaque na historiografia nacional: “Nenhum dos nossos historiadores ou cronistas seguiu outro caminho que o da cronologia e da sucessão dos governadores” (RIBEIRO *apud* RODRIGUES 2015, p. 49).

Itamar Freitas e Jane Semeão dissertam sobre o horizonte teórico e metodológico de João Ribeiro, ao escrever *História do Brasil*. Apresentam um precioso trabalho de análise daquilo que João Ribeiro considerava “boa historiografia”, a partir das resenhas feitas pelo sergipano de obras de relevo no cenário nacional. Contudo, poder-se-ia enriquecer a análise a leitura de dois textos basilares de teoria e metodologia escritos por João

Ribeiro. O primeiro deles é *A Ciência da História*, publicado pela primeira vez em 1892 como apêndice de *História Antiga – Oriente e Grécia*, foi republicado em 1918 como apêndice de *História Universal*, o que revela que as concepções historiográficas de Ribeiro não se alteraram substancialmente neste íterim. O segundo, é o discurso de posse do letrado, ao assumir uma cadeira no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1914, publicado na revista da instituição no ano seguinte. Somados ao que os autores nos apresentam, esse conjunto de textos apontam a dificuldade de se enquadrar João Ribeiro nos limites de uma escola historiográfica de fins do XIX ou início do XX, sobretudo pelo precário estágio de especialização desse *métier* no Brasil – diferentemente do que ocorria na Europa, sobretudo na França e na Alemanha.

Essa questão da polivalência de João Ribeiro, comum a toda sua geração, nos remete à análise de sua obra como filólogo, feita por Christianne Gally no capítulo 5. É consenso, desde a década de 1920, que João Ribeiro participa de uma *virada modernista* – ainda que isso implique uma visão mais ampla desse movimento. Esse *turning point* é marcado pelo seu livro *A Língua Nacional* (1921), no qual advoga a independência cultural e linguística do Brasil em relação a Portugal e também, de modo mais geral, de toda a América frente à Europa. O cabo de guerra travado entre os puristas (aferrados a tradição normatização lusitana) e os defensores do “verniz brasileiro conferido à língua portuguesa” é analisado com muita perspicácia pela pesquisadora. Metodologicamente, é importante não descolar o *filólogo* do *historiador* ou do *crítico literário*: embora essas disciplinas caminhassem *pari passu* à uma especialização crescente, sobretudo na Europa e EUA, fica claro que o horizonte de referência de João Ribeiro era o mesmo em suas diversas atuações.

No capítulo 7, Alessandra Ramos aborda a transmigração dos textos – e seus suportes – de João Ribeiro. *Grosso modo*, apenas seus livros didáticos foram pensados e escritos como livros. No mais, veremos o autor se aproveitando de textos

que já haviam sido publicados (as vezes parcialmente, outras integralmente) na imprensa para compor obras que durassem mais. “O jornal morre de morte súbita, já o livro morre lentamente” – pensava João Ribeiro. Ele não foi o único a usar esse método de composição, Ramos cita obras de José Veríssimo e Araripe Junior como exemplos semelhantes. O fato é que o jornal possibilitava notoriedade, legitimação e algum dinheiro aos escritores. Além desse movimento de transmigração dos textos jornalísticos para o livro feito pelo próprio João Ribeiro, a autora destaca o papel cumprido por Mucio Leão – o grande curador de sua obra.

Uma dimensão essencial da obra de Ribeiro envolve as publicações didáticas: dicionários, seletas, gramáticas e os manuais de História. Nessa empresa, João Ribeiro não só foi um dos autores mais vendidos como também foi dos mais longevos. Muitas de suas obras didáticas foram editadas até a década de 1960 (*post mortem*, com acréscimos) tamanho era o prestígio do catedrático do Colégio Pedro II. Cristiani Bereta da Silva e Maria Teresa Santos Cunha concentram a análise sobre o papel de *História do Brasil* no ensino de história *do* e *no* Brasil. Conforme apontam, num momento em que se prescrevia que a história do Brasil deveria ser mero apêndice da história universal – leia-se “da Europa Ocidental” – João Ribeiro rompeu com esse paradigma, apresentando uma narrativa que superava os aspectos políticos e administrativos, que ia muito além das biografias dos grandes heróis nacionais, e outras mudanças que viriam, anos mais tarde, a virar regra dos programas de ensino.

Coube ao organizador o encerramento do livro com o último capítulo. Nele, Rodrigues faz um balanço do papel desempenhado por Joaquim Ribeiro na construção da memória do pai como historiador. Diferentemente de Mucio Leão que reverenciava o sábio, o mestre de todas as artes, de todas as letras, Joaquim deu muito relevo ao epíteto *historiador*. Assim, reeditou as obras do pai, principalmente as que falavam de história e nas quais João Ribeiro exercia o ofício de historiador.

Mais que isso, em algumas delas construiu elaborados prefácios que mostravam o quão inovador foi João Ribeiro perante a historiografia de seu tempo e o quão alinhado estava o sergipano perante os pares europeus, sobretudo os alemães ligados a *Kulturgeschichte* (História Cultural).

À guisa de conclusão, devemos ressaltar a importância desse livro organizado por Rodrigues no que tange primordialmente a uma reavaliação da vida e obra de João Ribeiro e, indiretamente, da história cultural da Primeira República. Entre tantos “pais da pátria” que lhe foram contemporâneos, João Ribeiro não é, hoje, tão ilustre quanto um Joaquim Nabuco, um Rui Barbosa, um Machado de Assis, um Olavo Bilac, mas travou relações muito próximas com esses ícones da história nacional. Seu “esquecimento” reflete ainda aquela tradição da antiga história intelectual que só preservava e canonizava os grandes nomes. Com o avançar nos últimos cinquenta anos de história cultural que tem muito interesse no letrado de tipo médio – àqueles que se contam as dúzias como jornalistas e escritores de manuais didáticos e seus “subprodutos literários”, muitas questões têm sido suscitadas sobre a época da Primeira República e seus círculos letrados. Este livro é mais uma contribuição para esse movimento historiográfico que visa entender os intelectuais, a imprensa e o magistério sob a ótica da história cultural. Qualquer um que tenha interesse no assunto deverá revisitar João Ribeiro para melhorar sua compreensão e *Nos desvãos da História* é uma boa introdução ao assunto.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

LEÃO, Mucio. **João Ribeiro**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1962.

AGRADECIMENTOS E INFORMAÇÕES

Felipe Yera Barchi

felipeyerabarchi@gmail.com
Doutorando em História
Unesp - Universidade Estadual Paulista
Rua Luis Lima, 83
19750-000 - Lutécia - São Paulo
Brasil

RECEBIDO EM: 18/12/2017 | APROVADO EM: 19/03/2018